

Goša Holding e Cerne Realizações se unem para atuar no Porto Seco

Grupo iugoslavo forma joint-venture com empresa brasileira

Rogério dy la Fuente
de Brasília

Primeiro foi o grupo atacadista Martins, de Uberaba. Agora, pelo menos quatro outros grupos estão interessados em atuar no Porto Seco do Distrito Federal. Um deles é a brasileira Cerne Realizações, Consultoria e Editora, que está formando joint-venture com o grupo iugoslavo Goša (pronuncia-se Gócha) Holding Corporation, que se apresenta como maior corporação nos setores de maquinário pesado e transportes do Leste Europeu.

Como as demais empresas, a joint-venture Goša-Cerne já manteve conversas com o responsável pela viabilização do Porto Seco do Distrito Federal, o subsecretário do Entorno, Robério Sulz, e pretende finalizar a associação nas próximas semanas para, posteriormente, encaminhar uma carta-consulta. De acordo com Sulz, a partir do próximo dia 25, quando for completado o processo de regularização



Ada Lemos

das terras da primeira etapa do Porto Seco, as cartas-consulta das empresas interessadas poderão ser encaminhadas ao Conselho de Desenvolvimento Econômico do DF, pleiteando a concessão de uso.

A expectativa do secretário é de que algo entre 10% e 15% da proposta original do Porto Seco estejam negociados em, no máximo, duas semanas depois da regularização urbanística. "Esperamos que sejam gerados aproximadamente 10 mil empregos e uma soma entre R\$ 100 milhões e R\$ 150 milhões seja investida na fase inicial", declarou Sulz. O impacto destes investimentos na arrecadação tributária do DF, quando estiverem operando, não pode ainda ser quantificado porque a Secretaria de Fazenda do DF começou a estudar um regime de incentivos diferenciado para o Porto Seco. Será algo um pouco distinto dos benefícios concedidos nos programas Pades (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Industrial) e Padesc (Apoio ao Desenvolvimento do Comércio), com a particularidade de comportar análises caso a caso dos incentivos a serem concedidos.

Os candidatos ao Porto Seco poderão pleitear vantagens similares a concedida ao Grupo Martins, que recolherá 1% do ICMS incidente sobre as mercadorias estocadas no DF e destinadas à sede da empresa, em Uberlândia (MG). Em um procedimento convencional de arrecadação, a empresa seria tributada em 12% nesta operação.

Fábrica

A Goša/Cerne já tem seu contrato de constituição assinado, falta ainda o término do registro formal da empresa, com novo CGC, que está em andamento. Pelo acordo, a presidência da nova empresa caberá à Goša e a superintendência à Cerne. A diretora-superinten-

dente, Ada Lemos, declara que a empresa já decidiu se instalar no DF, com interesse exclusivo no Porto Seco. "Como a natureza dessa nova empresa é lidar com operação de teleporto e produzir maquinário pesado, principalmente ligado ao setor de transportes, a localização do Porto Seco é a mais adequada que possa haver no Brasil", declara.

Segundo Ada, a intenção da Goša/Cerne é montar uma unidade fabril no Porto Seco para produzir alguns dos itens que as empresas do grupo já fazem na Iugoslávia e comercializar outras. Inicialmente a idéia é fabricar tratores, equipamentos para refrigeração, vagões para trens e *trolebus*. Havendo perspectivas de mercado, a joint-venture revela que pode vir a produzir ainda silos de aço, tubulações para gás natural, turbinas para hidrelétrica e, até mesmo, hidroaviões. "Os investimentos ainda não foram dimensionados, mas a decisão de implantação no Porto Seco já está tomada", assegura a superintendente.

A Goša Holding Corporation, é um grupo com 70 anos, composto por empresas que atuam da construção civil até a indústria de terminais intermodais de transporte. Os negócios do grupo, que no período da guerra fria cobriam todos os países da cortina de ferro, chegam hoje, na América Latina, ao Peru, onde foi montado um sistema de *trolebus*.

Interessados

De acordo com o secretário Robério Sulz, as demais empresas que demonstram interesse em participar do Porto Seco negociam a participação em sigilo. O próprio secretário tem agido como uma "agência de desenvolvimento de um homem só", tentando mostrar aos empresários as vantagens de se investir no projeto e proporcionar parcerias.

Esta semana, ele recebe os representantes de um grupo francês, interessado em produzir e comercializar equipamentos de irrigação. "Eles vêm porque o potencial de mercado do cerrado para este negócio nem é necessário propagar", afirma Sulz.

Segundo o secretário, um grupo brasileiro com atividade nos setores de transporte, agroindustrial e hotelaria, também manifestou interesse em operar no Porto Seco. (Cont. Pág. 6)